

# **“Um grito parado no ar e Ponto de partida: o cômico e o trágico no metateatro de Gianfrancesco Guarnieri”**

*Aliciane Alves da Silva (Bolsista PIBIC-UFPI) Érica Rodrigues Fontes (Orientadora)*

## **INTRODUÇÃO**

A história do Brasil é marcada por diversos momentos em que a democracia foi ignorada e outros em que esta praticamente não existiu. Como exemplo disso é possível citar a Ditadura Militar, um dos acontecimentos políticos mais marcantes da história do Brasil que marcou de forma significativa os anos de 1964 a 1985 caracterizando-se pela falta de democracia, supressão de direitos constitucionais, censura, perseguição política e repressão aos que contrariavam o regime em vigor.

Paralelo às características dos anos de 1964 a 1985, o país recebeu de vários intelectuais e artistas um valioso legado cultural, legado este constituído de músicas, peças e poemas por meio dos quais os autores tinham como objetivo expressar-se através da sua arte. Foi durante a Ditadura Militar que peças como *Ponto de partida*, *Um grito parado no ar* e muitas outras foram escritas, assim como muitos dos atuais clássicos da música popular brasileira.

Diante disso, o seguinte trabalho tem como objetivos pesquisar sobre as manifestações artísticas produzidas durante o período em questão, mais especificamente as peças *Ponto de partida* e *Um grito parado no ar*, ambas escritas pelo dramaturgo Gianfrancesco Guarnieri, detectar e buscar compreender o contexto histórico e os objetivos do autor ao escrever tais peças, que segundo ele, não as teria feito não fossem as contingências por não corresponderem ao que ele, como artista, costumava fazer (GUARNIERI *apud* PRADO, 1986), e identificar como o humor contrapõe-se a elementos trágicos para a definição e questionamento de uma identidade nacional em momentos politicamente conturbados no decorrer das peças em estudo.

## **METODOLOGIA**

Inicialmente foram realizadas leituras e discussões teóricas com o objetivo de compreender e ampliar os conhecimentos a respeito do que aconteceu durante o período em que as obras supracitadas foram escritas, a saber: *Um grito parado no ar* e *Ponto de partida*, ambas escritas pelo dramaturgo Gianfrancesco Guarnieri no período em que o Brasil vivenciava a Ditadura Militar.

Em seguida, as obras *Ponto de partida* e *Um grito parado no ar* foram lidas e analisadas para identificarmos os instrumentos linguísticos e temáticos em ambas no intuito de compreender os objetivos do autor e como o mesmo atingiu estes objetivos.

Por fim, depois de analisados e compreendidos tanto o contexto histórico quanto os instrumentos linguísticos e temáticos das obras supracitadas, foi possível identificar o Cômico e o Trágico nas mesmas tendo como referencial teórico as obras *O riso e o risível na história do pensamento* de Verena Alberti e *O Riso* de Henri Bergson para entendermos como o humor contrapõe-se a elementos trágicos para a definição e questionamento de uma identidade nacional em momentos politicamente conturbados, em especial durante a Ditadura Militar, no decorrer das peças em estudo.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

O período de relativa liberdade de expressão encerra-se em 1968 e diante das diversas prisões, da opressão, da censura, do uso da força repressiva para combater os focos de oposição e exílio paralelos à falta de democracia que caracterizaram o período em estudo, aos artistas (músicos, cantores, compositores e escritores)

restou a possibilidade de arriscarem-se numa produção que não corresse o risco de ser facilmente compreendida pelos censores (pessoas diretamente ligadas ao regime), e como dramaturgo, Guarnieri produziu o “teatro de ocasião” do qual as obras estudadas fazem parte com o objetivo de denunciar as injustiças do período em questão conforme as “exigências” do regime.

### **BREVE ANÁLISE DAS OBRAS**

O texto de *Um grito parado no ar* é sobre uma peça teatral que os personagens estão ensaiando em que tudo resulta em erro, nada se sabe sobre o nome da peça ou se esta foi de fato apresentada, essas informações são uma incógnita para o leitor ou espectador e tem como personagens: Augusto, Fernando, Euzébio, Amanda, Nara e Flora, atores que tentam montar o cenário da peça para que tudo saia perfeito, podendo assim o trabalho do grupo ser criticado de forma positiva pelo público por passar uma mensagem, o que é impossível devido às constantes falhas resultantes de subtração ou inexistência de dedicação dos atores e material para o cenário, mas são essas constantes falhas que dificultam o andamento da peça e isso faz o leitor perceber a dificuldade em fazer teatro no período em que as obras foram escritas. Através dos trechos abaixo essas falhas podem ser facilmente detectadas:

[...] **Euzébio:** Espera um pouco que o eletricitista está querendo desmanchar a caixa de luz.

**Fernando:** Desmanchar por quê?

**Euzébio:** Disse que o senhor não pagou... Chamou o senhor de Ruth... Está fazendo um escarcéu lá em cima... (GUARNIERI, 1986, p. 197)

[...] **Augusto:** ... Eu só queria saber qual foi o grandessíssimo filho de uma puta que inventou esse negócio de pagar só 50% nos ensaios... Viado eu sei que é... Agora quem? Qual o nome do financista... Do Salvador!... 50%! Filhos da puta!... Vai me pagá e é hoje!... (GUARNIERI, 1986, p. 195)

No primeiro trecho percebe-se que o problema em questão é a insatisfação de Augusto com relação à remuneração e no segundo o problema está na iluminação do cenário que constantemente tem equipamentos subtraídos no decorrer dos ensaios.

Diferente de *Um grito parado no ar*, *Ponto de partida* possui começo meio e fim e conta com um assassinato, acontecimento comum no período em que a obra foi escrita. O pastor, personagem que representa a figura religiosa na obra, encontra um homem enforcado numa árvore na praça de aldeia dando início à trama, e é essa morte que vai, no desenvolvimento do enredo ser o motivo de especulações dos outros personagens (Ferreiro, D. Felix, Aida e Maíra).

O personagem D. Felix é responsável pela aldeia, sendo a pessoa mais poderosa da região, porém por ser deficiente visual depende de certa forma, de Aida, sua esposa que se mostra indiferente ao sofrimento dos que gostam de Birdo e age com hipocrisia com o próprio marido por certo tempo (até confessar que assassinou Birdo). Para demonstrar ao povo sua autoridade e eficiência no que faz D. Felix diz, inicialmente, que abrirá um inquérito e fará as devidas investigações sobre a morte de Birdo e assumindo o papel de falso justiceiro não cumpre com sua palavra. E é esse tipo de comportamento que faz o leitor ou espectador refletir sobre a administração pública, sobre o caráter dos representantes da sociedade e sobre o momento que o país vivenciava.

Vejamos alguns trechos em que os personagens expressam sua indignação a respeito de certos acontecimentos, acontecimentos estes também vivenciados pela sociedade brasileira no período em que o país foi governado por Militares e um que nos faz refletir sobre o poder nas mãos de quem não tem compromisso com a justiça, que como representante dela esquece o princípio da imparcialidade:

**Ferreiro:** Por Deus, senhora, que destino se desatrelou do inferno e veio ferir-me o peito? Respondei-me, senhora! Pois baterei nesta bigorna até transformá-la em fogo que ilumine a noite e traga até nós o assassino! Que se este homem, meu filho, daí pende inerte, não terá sido por suas próprias mãos, mas por mãos bem mais poderosas, cruéis e cegas! Diante de todos, meus senhores, reclamo justiça! (GUARNIERI, 1986, p. 244)

A tristeza do personagem Ferreiro ao encontrar o filho morto foi um sentimento que muitos pais e mães sentiram durante a Ditadura. Muitas famílias tiveram entes queridos assassinados, sequestrados e de muitos não se sabe o paradeiro até os dias atuais; se morreram ou se foram exilados e não conseguiram retornar ao país.

**Maíra:** [...] Esta morte não é um homem, é uma aldeia. É a voz da aldeia que morre, seu canto, sua poesia, seu humor, seu tédio e monotonia, sua virtude, graça e tristeza, sua beleza, carinho e alegria. E mais calado ficará o povo, pois se o povo cala é que não há povo em cada qual singularmente, mas sim em toda a gente que não tem expressão própria e caracterizada; mas sempre há quem diga e represente a fala, que embora de gente calada, traduz a fala de toda a gente. (GUARNIERI, 1986, p. 247)

Na fala de Maíra percebe-se que o morto, Birdo, era um homem expressivo que defendia interesses comuns aos seus, que denunciava as injustiças sofridas pelo povo da aldeia e não se submetia ao casal autoritário, Aida e D. Felix, e como prova disso relaciona-se com a única filha do casal, sendo esse relacionamento um dos motivos para que Aida o assassinasse.

### O Cômico e o Trágico nas obras estudadas

Vejamos a seguir trechos em que o riso resultante do cômico e o trágico são utilizados pelo autor na tentativa de definir e questionar uma identidade nacional em momentos politicamente conturbados no decorrer das peças em estudo:

#### Um grito parado no ar

**Euzébio:** Acontece que já estou cheio. Tudo sempre em cima de mim... Vocês ficam tudo nas altas esferas, discutindo, laboratório, e o esquimbau e eu aguentando os home..

(...) **Augusto:** Querido, o que é de gosto regalo da vida!

**Euzébio:** Vai gozando... Vai gozando!... Se o moço aí não tomá uma providência urgente... Não tem estreia... Os homens vieram para levar tudo... Queriam levar hoje mesmo. Tirei o gravador da mão deles... Usei de muita lábia... Se não, tchau! (...)  
(GUARNIERI, 1986, p.194)

**Augusto:** Como é, poxa! Ninguém aí!... Vamo trabalhá, ora porra! Vamos começar essa merda!...(Bate palmas chamando) Como é que é, ninguém aí?... Somos profissionais! Pro-fis-sio-nais!... Mais...de meia hora de atraso, porra. Ensaio de merda!(Chama.) Euzébio!... Euzébio!...Até tu, Euzébio?...Escravo. Servil! Ralé! Inculto! Bicha! Até tu não estás no posto... Ora, porra! Profissionais de borra!... Eu disse borra, ora porra! Vádios!... Irresponsáveis!... Ah, teatro!...Teatro!... Teatro!... Fazer teatro é sofrer num paraíso... Mas se não fazê-lo como sabê-lo, ora porra! (GUARNIERI, 1986, p. 193)

Neste primeiro trecho percebemos que o problema é a falta de materiais, que estão sendo recolhidos pelo fornecedor. Quando o mal é pequeno, como uma simples queimadura, reforça o riso (ALBERT, 1999) no segundo trecho os apelidos que Augusto dá aos companheiros, por serem ridículos nos levam ao riso e ao mesmo tempo esse riso nos cede compaixão por entendermos que ele apelida os outros personagens por estar insatisfeito com a falta de compromisso e de responsabilidade dos mesmos para com trabalho do grupo.

**Augusto:** Como é, poxa! Ninguém aí!... Vamo trabalhá, ora porra! Vamos começar essa merda!...(Bate palmas chamando) Como é que é, ninguém aí?... Somos profissionais! Pro-fis-sio-nais!... Mais...de meia hora de atraso, porra. Ensaio de merda!(Chama.) Euzébio!... Euzébio!...Até tu, Euzébio?...Escravo. Servil! Ralé! Inculto! Bicha! Até tu não estás no posto... Ora, porra! Profissionais de borra!... Eu disse borra, ora porra! Vádios!... Irresponsáveis!... Ah, teatro!...Teatro!... Teatro!... Fazer teatro é sofrer num paraíso... Mas se não fazê-lo como sabê-lo, ora porra! (GUARNIERI, 1986, p. 193)

(...) **Amanda:** ... Descansa hoje, Fernando... Eu também aproveitava, poupava a voz...

**Fernando:** Que descanso... Será que vocês ainda não se compenetraram que a estreia vai ser daqui a dez dias?

**Amanda:** Também não adianta nada se matar... (GUARNIERI, 1986, p.198)

O fato de os personagens estarem ensaiando a peça á dez dias da apresentação é um fato trágico e cômico simultaneamente, a primeira reação do leitor ou espectador em relação ao este terceiro trecho é de riso por ser uma situação cômica, logo depois este leitor ou espectador imagina ser algo impossível e triste para os personagens e quando toma conhecimento do contexto histórico, período da Ditadura Militar, lembra-se das dificuldades sofridas pelos artistas daquele tempo.

## Ponto de partida

(...) **Aida:** Cuidai, marido meu! Por que fazer desta morte algo maior do que é? Apenas mais um acidente entre tantos. Não é o primeiro a terminar com a própria vida, nem será o último. Somente mais um a ser em desvario, procurando a morte por não encontrar a vida!

**D. Feliz:** Defendes, então, firmemente a hipótese de suicídio?

**Aida:** E tendes vós razões para defender a hipótese de homicídio?

**D. Feliz:** Que razões poderia eu ter que não fossem as tuas? De onde te vem tanta certeza?

**Aida:** Do que vejo, senhor. Um homem pende de uma corda; ali se enforcou ou foi enforcado, não há meio no caso. Não havendo indício de violência, nem qualquer outra evidência, dou o suicídio por provado.

**D. Felix:** Pois bem, então no inquérito é o que será constatado. Anuncia ao povo a abertura da indagação. Antes, no entanto, cuidai de nossa filha, que não é de bom-tom que diante de todo mundo se mostre nesse estado. (...) (GUARNIERI, 1986, p. 246)

(...) **Maíra:** Não terá ele direito a um túmulo? Onde está vossa piedade, meu pai? Pássaros negros já escurecem o céu!

**D. Felix:** Concluído o inquérito, saberemos em que terras repousarão seus restos: se no campo dos piedosos ou no dos celerados a caminho da danação. Nesta praça de processará o velório e que ninguém toque no corpo antes de minha decisão. (...) (GUARNIERI, 1986, p. 247)

É neste momento que D. Felix dispõe-se a descobrir o motivo da morte de Birdo, esta fala é também o primeiro momento em que Aida demonstra seu descaso com a morte do mesmo e que é uma pessoa hipócrita, pois mesmo sendo ela a assassina de Birdo tenta convencer o marido de que o real motivo da morte foi suicídio. A mentira e a hipocrisia são algumas de nossas atitudes humanas consideradas baixas, essas nossas atitudes nos caracterizam como seres humanos ruins; o fato de Aida tentar enganar o marido que de certa forma depende dela é trágico e nos leva a sentir pena, mas no decorrer do texto percebemos as características da personagem e ao descobrirmos a verdade (Aida é a verdadeira assassina de Birdo) assim como D. Felix descobriu a sensação que nos vem é de estar diante de um fato ridículo, e o fato de D. Felix ser alguém que se diz defensor e amante da justiça de repende agir com deslealdade às leis e ao seu povo resulta na vontade de rir. Pois, segundo Shalk a deformidade que constitui o ridículo é, portanto uma contradição dos pensamentos de algum homem, de seus sentimentos, de seus costumes, de seu ar, de sua maneira de agir, com a natureza, com as leis recebidas, com os usos, com o que nos parece exigir a situação presente daquele no qual está a deformidade. (SHALK *apud* VERENA, 1999).

## CONCLUSÕES

Apesar dos períodos politicamente conturbados da história do nosso país terem sido caracterizados por corrupção, falta de democracia, mortes, opressão, tortura e muitos outros fatores negativos, houve uma considerada produção artística por meio da qual aqueles que se sentiram oprimidos, incomodados e ao mesmo tempo na obrigação de reagirem contra o que estava a acontecer no país puderam fazer-se ouvir.

Ao utilizar com maestria os recursos de linguagem a seu favor, Guarnieri conseguiu passar a mensagem de que os absurdos da sociedade em que estamos inseridos precisam ser debatidos, criticados e divulgados àqueles que vivenciaram a Ditadura e aos atuais brasileiros que se questionam sobre a identidade do país de alguma forma, mesmo que complicada de entender, nos dando a certeza de que sempre há uma maneira rebelar-se contra as injustiças existentes na sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ditadura Militar. Afrontamento. Teatro de Gianfrancesco Guarnieri

## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **O riso e o risível na história do pensamento**. Rio: Jorge Zahar e FGV, 1999.
- GUARNIERI, Gianfrancesco. **O melhor teatro de Gianfrancesco Guarnieri**. São Paulo: Global Editora, 1986.
- BERGSON, Henri. **O riso**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2001.
- REÑONES, Albor Vives. **O riso doído: atualizando o mito, o rito e o teatro grego**. São Paulo: Editora Agora, 2002.
- SCHMIDT, Mario Furley. **Nova história crítica: ensino médio- volume único**. São Paulo: Nona Geração, 2005.
- D'ARAÚJO, Maria Celina; SOARES, Gláucio Ary Dillon; CASTRO, Celso. **Os anos de chumbo: a memória militar sobre a repressão**. Rio de Janeiro. Ed. Relume- Dumará, 1994.
- SANTOS, Carlos Aparecidos. O teatro na época da Ditadura. In **HistoriaNet**. Disponível em: <http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=716>. Acesso: 04 de fevereiro de 2012.
- SADER, Emir Simão. **A transição no Brasil: da ditadura à democracia**. São Paulo: Ed. Atual, 1990.
- SERBIN, Kenneth P. **Diálogos na sombra: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura**. Tradução de Carlos Eduardo Lins da Silva. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.